

Marcuse e a ponta do iceberg

*Robespierre de Oliveira**

Resumem

O ano de 1968 é considerado um ano marcante, tanto pelas lutas de estudantes e operários quanto pelo movimento contra-revolucionário que se lhes seguiu. Marcuse é um dos personagens lembrados quando se refere a 1968. Foi considerado o guru da New Left. Obteve uma popularidade muito grande para além da academia, tanto que foi censurado pela direita conservadora quanto também pela esquerda “ortodoxa”. Passados mais de quarenta anos, é possível ver com mais clareza o seu legado. A proposta da comunicação é mostrar a atualidade teórica de Marcuse, afirmando que ele teria visto a “ponta do Iceberg” com que nos defrontamos hoje, para usar uma expressão de Paulo Arantes. Apesar das diferenças conjunturais, pode-se afirmar que as tendências hoje predominantes, já estavam presentes ou em gestação naquele período. De fato, em suas 33 teses sobre a conjuntura do pós-guerra, publicadas postumamente, Marcuse mostra sua argúcia ao perceber a futura divisão do mundo no que veio a ser a Guerra Fria. Mesmo assim, não se enganou ao afirmar o caráter unidimensional da sociedade contemporânea, ao julgar que a competição entre capitalismo e socialismo levaria a uma equivalência entre ambos, em favor do primeiro. A tensão predominante em 1968 é a mesma que se mantém oculta hoje e que se pretende apagada: a tensão entre liberdade e contenção social. Os anseios por um novo modo de vida, uma nova cultura e moralidade, esbarram na cada vez mais crescente contenção contrarrevolucionária que busca manter vivos os valores inabaláveis de exploração do capital. O processo de contrarrevolução aberto no fim dos anos 1960, e que culminou em 1989 com a queda do Muro de Berlim e em 1991 com o fim da União Soviética, não terminou, apenas recrudescer em 2001 com os ataques terroristas e com a guerra terrorista de Bush.

Palavras chave: Herbert Marcuse, sociedade unidimensional, teoria crítica, racionalidade tecnológica

Marcuse and the tip of the iceberg

Abstract

1968 is considered a remarkable year, mainly because of the struggles of students and workers and the counter-revolutionary movement that followed them. Marcuse is largely remembered for his role in 1960s and 1970s. Although he was considered the Guru of the New Left, his role was misunderstood, being criticized both by the

* Professor associado da Universidade Estadual de Maringá (UEM), tradutor de Marcuse e autor de O papel da filosofia na teoria crítica de Herbert Marcuse, São Paulo, EdUnesp, 2012.

Contacto: robess1107@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8100-6735>

conservative right and the "orthodox" left. However, since the end of 1990s, with the publication of his Collected Papers, Marcuse's theory has been updated, being subject of many studies. The aim of this communication is to show that the theory of Marcuse is still valid, arguing that he had seen the "tip of the Iceberg" we are facing today. Despite the conjunctural differences, it is possible to say that the trends prevalent today were already present or in gestation in that period. Indeed, in his 33 Theses on the situation post Second World War, published posthumously, Marcuse shows his astuteness realizing the future division of the world in the Cold War. He was not wrong arguing the one-dimensional character of contemporary society, judging the competition between Capitalism and Socialism would lead to equivalence between them, in favor of the first. The predominant strain in 1968 is the same that remains concealed today: the tension between freedom and social containment. The desire for a new way of life, a new culture and morality, face the increasingly growing counter-revolutionary contention that looks for maintaining live the values of exploitation by the capital. The process of counter-revolution opened in the end of the 1960s, which culminated in 1989 with the fall of the Berlin Wall and in 1991 with the end of the Soviet Union, it was not over, only increased in 2001 with the terrorist attacks on World Trade Center and the beginning of terrorist war of G. W. Bush.

Keywords: Herbert Marcuse, one-dimensional society, critical theory, technological rationality

Marcuse e a ponta do iceberg

Não sou pessoa de deixar “mensagens em garrafa”.
Herbert Marcuse

Quando terminei minha graduação em filosofia, na USP, e procurei quem me orientasse para um mestrado sobre Marcuse, encontrei em quase todos a resposta de que Marcuse estava fora de moda, de que seu pensamento havia ficado nos anos 1960. Insisti e consegui, então, fazer o mestrado na UFSCar, no Programa de Filosofia e Metodologia das Ciências, em Epistemologia da Psicologia e da Psicanálise. O propósito inicial era o de estudar o que eu já conhecia de Marcuse, sua teoria da libertação em *Eros and civilization* (1955), sob orientação do saudoso Prof. Bento Prado Jr. Porém, com o aprofundamento dos meus estudos, descobri outros textos de Marcuse, até então não publicados em português. A definição de minha dissertação de mestrado concentrou-se na relação entre razão e felicidade nos textos dos anos 1930 de Marcuse, sob orientação de Wolfgang Leo Maar.

A partir desse trabalho pude compreender melhor o desenvolvimento da obra e do pensamento de Marcuse, permitindo prosseguir os estudos no doutorado sobre o papel da filosofia em sua teoria crítica. Durante todo esse período, a valiosa colaboração de Isabel Loureiro, contribuiu para que percebesse os problemas da recepção da obra e do pensamento da obra de Marcuse no Brasil⁷. Mais ainda: tal recepção também foi problemática em outros países, como nos próprios Estados Unidos⁸. A publicação de seus *Collected Papers*, editados por Douglas Kellner, como

⁷ “Marcuse teve no Brasil uma péssima recepção. Nas décadas de 1960/1970, época de seu grande sucesso junto aos estudantes rebeldes, acabou sendo identificado unilateralmente com a contracultura, o que gerou incompreensões por todos os lados. As escolas católicas, vendo nele um arauto da permissividade sexual e da liberação das drogas, proibiam a leitura de suas obras. A esquerda comunista interpretava sua crítica à cultura ocidental como irracionalista. E a academia, exclusivamente voltada na época para a exigente tarefa da leitura estrutural dos textos filosóficos não tinha tempo para se entreter com um filósofo que, no seu entender, padecia de falta de rigor.” (Loureiro, 2005).

⁸ Ver Cobb (2004). Neste texto, Cobb discute criticamente a posição de três acadêmicos em relação a Marcuse: Alasdair McIntyre, Michel Foucault e Richard Rorty. Fredric Jamenson, em *O Marxismo tardio – Adorno, ou a persistência da dialética* (1990), para situar Adorno como “analista de nosso próprio período” diz: “Adorno não foi, com certeza, o filósofo dos anos 30 (o qual, temo, tem de ser

este mesmo afirma, contribuiu para repor em discussão a teoria crítica de Marcuse no final dos anos 1990. Parecia que a queda do muro de Berlim em 1989 e o fim da União Soviética em 1991 esclareciam a visão apresentada em *O homem unidimensional* (1964).

Os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, segundo minha opinião, abriram o novo século. Apesar de distantes da realidade da Guerra Fria e dos anos 1960, e, embora o contexto histórico e político seja outro, considero, segundo expressão de meu orientador Paulo Arantes, que Marcuse teria visto a ponta do Iceberg com que nos defrontamos. Significa que sua teoria crítica continua válida para pensarmos criticamente nossa própria realidade, a qual já não pode mais esperar por uma solução. A tensão entre mudança e contenção social, mote de *O homem unidimensional*, está mais forte no contexto atual. Assim, pretendo mostrar a atualidade do pensamento de Marcuse, mostrar que ele ainda tem o que dizer para a nossa época, não só pelo crescente interesse em novos pesquisadores, mas, sobretudo, pelos impasses da realidade existente.

Herbert Marcuse, em 1947, escreveu o que foi denominado de “33 Teses” sobre a situação contemporânea, publicadas apenas em 1998 (Marcuse, 1999, pp.

identificado retrospectivamente como Heidegger); tampouco o filósofo dos anos 40 e 50; nem mesmo o pensador dos anos 60 – estes são Sartre e Marcuse, respectivamente; e eu afirmo que, filosoficamente e teoricamente, seu discurso dialético antiquado era incompatível com os anos 70.” (p. 18) Em “The persistence of passionate subjectivity: Eros and other in Marcuse”, Nicholson (1994) questiona o eclipse que se fez sobre Marcuse, principalmente em relação a Adorno e Benjamin. Douglas Kellner em “A Marcuse Renaissance?” (1994) explica assim esse “eclipse”: “In addition, while there has been great interest in the writings of Foucault, Derrida, Baudrillard, Lyotard, and other French “postmodern” or “post-structuralist” theorists, Marcuse does not seem to fit into the fashionable debates concerning modern and postmodern thought. Unlike Adorno, Marcuse did not anticipate the postmodern attacks on reason, and his dialectics were not “negative.” Rather, he subscribed to the project of reconstructing reason and of positing utopian alternatives to the existing society – a dialectical imagination that has fallen out of favor in an era that rejects totalizing thought and grand visions of liberation and social reconstruction.” (p. 245) Isabel Loureiro aponta o que se quer esquecer: “Herbert Marcuse, filósofo cuja popularidade foi além dos meios acadêmicos nas décadas de 60 e 70, tem sido ultimamente relegado ao esquecimento, pelo menos no Brasil. As razões para isso parecem óbvias: alguém que durante toda a sua longa vida, contra a miséria material e espiritual do capitalismo tardio, sempre defendeu o advento de uma sociedade justa e racional por meio da revolução só pode parecer anacrônico aos olhos deste fim de século que busca apressadamente enterrar todas as utopias.” (Loureiro, 1998, p. 99).

291-303). Nestas teses, Marcuse expõe o que virá a ser a Guerra Fria. Apesar de datadas, as teses exibem o método de análise conjuntural de Marcuse. Para ele, o mundo do pós-guerra se dividiria em dois campos: o soviético e outro neofascista, sendo as formas democrático-liberais absorvidas por um deles. Segundo Stanley Aronowitz, aparentemente tal “predição” não teria se cumprido na medida em que consideramos a expansão da democracia para diversos países, incluindo ex-comunistas. Entretanto, Aronowitz não observa que os países que citou, como Argentina, México, e Brasil, tornaram-se democráticos após longo período ditatorial. Muitos países sofreram golpes de Estado, instalando ditaduras militares, numa pretensa luta contra o comunismo, quando Marcuse ainda estava vivo.

O processo democrático nesses países, bem como nos ex-comunistas, ocorreram anos após sua morte. Mas Aronowitz observa que a concepção de Marcuse de fascismo difere da usual⁹. Deste modo, as democracias atualmente existente não correspondem para Marcuse ao modelo da democracia liberal, ao invés disso, ele as considera como democracias autoritárias ou mesmo totalitárias. Tal modelo corresponderia ao que Max Weber imaginava suceder nas democracias capitalistas, isto é, democracias plebiscitárias, nas quais a escolha do povo segue decisões previamente estabelecidas. Além disso, o modelo democrático vigente, a partir da maior potência mundial, tem oprimido minorias, em nome da liberdade, principalmente pela desigualdade econômica prevalente.

Embora o campo soviético, mesmo corrompido, ainda representasse uma esperança para a esquerda em geral, Marcuse acreditava que esse campo em competição com o capitalismo acabaria por ser derrotado, por não estar em igualdade de condições. Seu ceticismo em relação ao campo soviético baseava-se não

⁹ “But consider how Marcuse's conception differs from the accepted views of fascism. Of course, U.S. society is not marked by a program of systematic terror against racialized minorities, although, as we have seen, the number of incidents of police violations of the rights of black men has escalated in proportion as poverty and unemployment deepens in the cities. But in other respects—such as the intensification of individualism, the decline of the labor movement and other social groups, and the emergence of a cultural environment of puritanical antisexuality—U.S. society has all the earmarks of a growing authoritarianism.” (Aronowitz, 1999, p. 152.)

só na distorção da teoria marxista, mas também na burocratização do Estado, cujo caráter autoritário impedia a liberdade dos próprios trabalhadores. Mesmo assim, nas teses, havia ainda uma esperança no movimento operário no interior dos países do “socialismo real”, bem como na possibilidade revolucionária. Em suas propostas, ele parece manter-se ao lado de Rosa Luxemburg com relação à consciência e organização da classe.

De fato, os partidos comunistas apareciam como uma forte referência aos trabalhadores, enquanto seus opositores, como os trotskistas, compunham um grupo muito pequeno e fraco. Os partidos comunistas, de certo modo, estavam ainda atrelados ao partido soviético, de tal modo que muitos ficaram chocados com o pronunciamento de Krushev, na década de 1950, revelando os crimes de Stálin. O propósito disso não era nem o socialismo nem a democratização, mas sim a reestruturação da burocracia no poder. A União Soviética e os Estados Unidos levaram o mundo a um equilíbrio delicado, em função da competição econômica e militar, de tal modo que o caráter unidimensional¹⁰ servia a ambos Estados, apesar do controle e manipulação se darem diferentemente. Esse caráter unidimensional se refere à paralisia da oposição que ou não tem força ou não tem qualidade para se pôr como tal.

A esquerda revolucionária acreditou nos movimentos de libertação colonial e de luta contra o imperialismo norte-americano e soviético. As guerrilhas e a luta armada pareciam responder ao anseio de que a revolução estava próxima. Muitos intelectuais também ficaram impressionados, à esquerda ou à direita, com este movimento, do qual a Revolução Cubana foi um marco. Apesar do anseio utópico

¹⁰ “A ameaça de uma catástrofe atômica, que poderia exterminar a raça humana, também não serve para proteger as mesmas forças que perpetuam esse perigo? Os esforços para prevenir tal catástrofe ofuscam a busca por suas causas potenciais na sociedade industrial contemporânea. Essas causas permanecem não identificadas, não-expostas e não-identificadas pelo público, porque elas recuam diante da ameaça externa óbvia demais – do Ocidente contra o Oriente, do Oriente contra o Ocidente. Igualmente óbvia é a necessidade de estar preparado, de viver à beira do abismo, de enacraar o desafio. Nós nos submetemos à produção pacífica de meios de destruição, ao aperfeiçoamento do desperdício, a ser educados para uma defesa que deforma os defensores e aquilo que estes defendem.” (Marcuse, 2015, p. 31.)

de Marcuse pela transformação da realidade social, sua descrição crítica da realidade unidimensional da sociedade industrial avançada foi considerada pessimista em relação à perspectiva revolucionária. Em certo sentido, ele estava medindo as forças contrarrevolucionárias, percebendo que seu poder de rearranjo e dominação era muito mais ágil do que a fraca oposição. Neste sentido, *Contrarrevolução e revolta* (1974) continua o debate iniciado com *O homem unidimensional* (1964). Passados mais de quarenta anos, Maio de 1968 continua sendo apreciado como um símbolo de rebeldia com o qual a imaginação pretendeu o poder. Mas esses que louvam Maio de 1968 parecem se esquecer do violento processo contrarrevolucionário que se lhe seguiu, tanto no âmbito ideológico, político, econômico, sexual e cultural. Já em *O homem unidimensional*, Marcuse critica Daniel Bell por proclamar “o fim das ideologias”, discurso que tomou maior fôlego após a queda do muro de Berlim, em 1989. Francis Fukuyama chegou a afirmar o “fim da história” com a queda do muro. É certo que tal discurso seja mais ideológico, como também o discurso esquerdista que prega a revolução para o amanhã sem condições para tal.

Entre as principais críticas da esquerda a Marcuse está a questão sobre a consciência de classe e ideologia. Marcuse, como outros frankfurtianos, desenvolveu a tese segundo a qual os trabalhadores foram integrados à ordem capitalista por meio do mercado. Como consumidores, passaram a sentir mais necessidade do próprio sistema que os oprime. Esta tese já aparece de certo modo em Lukács quando descreve o fenômeno da reificação. Segundo Lukács, no capitalismo a forma mercantil, considerada por Marx como universal, absorve todos os objetos e relações existentes. Isto de tal forma que os homens, seu pensamento e cultura são reificados. O processo de reificação, assim, contribui mais ainda para o sistema ideológico de dominação. Marcuse, a partir de Marx, afirma que a relação entre homem-objeto foi

substituída pela relação homem-mercadoria, o mundo objeto passou a ser mundo-mercadoria¹¹.

Até a própria natureza foi reduzida à forma mercantil. Lukács, seguindo Max Weber, fala numa razão calculadora entre custo e benefício para guiar as ações humanas. O desenvolvimento deste conceito passa por Horkheimer como razão instrumental e como razão tecnológica, em Marcuse. No fundo, trata-se de uma razão que é meio para algo diverso de si mesma. Deste modo, a inserção dos trabalhadores no mercado consumidor os obriga a cálculos em função de seu parco salário. Baseando-se em Marx, segundo o qual produção gera consumo e vice-versa, Marcuse afirma que além das necessidades básicas (comer, beber, vestir-se, entre outras) o capitalismo gera falsas necessidades, isto é, necessidades que aprisionam mais os homens ao sistema de opressão. A tecnologia produz tais necessidades, principalmente por meio da reposição dos produtos, oferecendo modelos novos com discretos avanços. Os produtos tecnológicos tornam-se atrativos devido às aparentes facilidades que oferecem¹², abreviando o pensamento e os próprios desejos. Entretanto, Marcuse não é um tecnófobo. O que ele censura é que a promessa de libertação da tecnologia não se cumpriu. Não houve redução no trabalho alienado nem melhorias proporcionais no salário. O processo de exploração continua e mais firme. A tecnologia fornece uma aparência de democratização, mas esta é cada vez mais integrada.

¹¹ "This is what Marx called the human "appropriation" of the object world: the establishment of human relationships with nature, the humanization of things. It means that the world is no longer experienced as a commodity market, nor men as buyers or sellers of labor power, nor things as the mere stuff of possession and use. What appears in this radically new experience is a use value no longer contaminated by exploitation: the experience that things, without losing their use value, exist in their own right, their own form – that they are sensitive. Exploitation is not really abolished, its heritage not really thrown off until man has established this new relationship to nature: the humanization of nature would also enable man to have the good conscience of his own nature, of himself as part of nature. This is the "second nature": it is not the world of the bon sauvage, but that of high civilization – the promise of freedom." (Marcuse, 2001, p. 132.)

¹² Os aparelhos celulares e os e-mails parecem facilitar a vida e o trabalho, no entanto atrelam os indivíduos mais ainda ao trabalho por serem mais facilmente localizados.

Neste processo, a indústria cultural colabora mais ainda para a manipulação ideológica. Marcuse concorda com a Dialética do esclarecimento de Adorno e Horkheimer (1947), segundo os quais a promessa do esclarecimento revelou-se falsa. O conhecimento não retirou os homens de sua minoridade, ao contrário do que pensara Kant. Por um lado, o grande conhecimento continuou de posse de uma minoria, mas em geral como um conhecimento operacional e não desinteressado. Para a maioria, o conhecimento tornou-se cada vez menos elaborado e exigente, sendo a própria manifestação da razão instrumental. Assim, a indústria cultural complementa a racionalidade tecnológica mediante a propaganda de seus produtos. Observe-se que tecnologia não se refere exclusivamente a aparelhos, mas também a métodos e procedimentos. O consumo de mercadorias, deste modo, interferiu e moldou a vida dos indivíduos sob o capitalismo. A alimentação, o vestuário, os hábitos e costumes, a cultura e as relações sociais modificaram aos próprios homens, para o bem e para o mal. O aparecimento de novas doenças, tanto físicas quanto psicológicas, e a destruição de ecossistemas estão vinculados a esse processo, bem como à poluição, química e atômica, e à manipulação genética. O consumo de mercadorias reforça a ideologia principal do capitalismo, que se baseia na confiança da compra e venda daquelas. As ilusões e o relaxamento propiciado pela indústria cultural garantem não só a reposição de energia para o retorno ao trabalho, como também o reforço para uma adaptação maior a este modo de existência¹³.

Entretanto, aonde a indústria cultural não atinge, a força coercitiva militar toma lugar. Marcuse tinha consciência disso. Sua análise da sociedade unidimensional refere-se à sociedade industrial avançada e não a países subdesenvolvidos. Para ele, o welfare state só poderia se manter na base do warfare state. As guerras localizadas nos rincões do mundo, seja no Vietnã ou no Iraque, são um bom negócio, tanto no sentido econômico quanto político. “Guerra é paz” assim

¹³ “A necessidade de relaxamento nos entretenimentos fornecidos pela indústria da cultura [indústria cultural] é em si mesma repressiva, e a sua repressão significa um passo para a liberdade. Sempre que a repressão se tornou tão efetiva que, para o reprimido, assume a forma (ilusória) de liberdade, a abolição de tal liberdade prontamente se manifesta como um ato totalitário.” (Marcuse, 1955, p. 22)

George Orwell, em 1984, bem caracteriza a realidade que depende da guerra para manter a paz. A indústria bélica propiciava muitos lucros com a situação da Guerra Fria. Marcuse estava ciente disso, como também dos movimentos de libertação colonial e de luta contra o imperialismo norte-americano. Por isso, não se pode afirmar que ele tenha sido pessimista e que tenha abandonado a perspectiva revolucionária. Ao contrário, ele procurou se manter realista, apoiando as possibilidades de libertação mesmo que estas fossem frágeis. Seu apoio às minorias, como catalisadoras do processo revolucionário e não em substituição ao sujeito revolucionário, não se tratava de mero impressionismo, mas sim de serem movimentos reais em atuação no seio da sociedade.

O movimento feminista, o movimento dos negros pelos direitos civis, entre outros, são movimentos dentro da ordem, mas questionam os limites da própria ordem. Os estudantes revoltados questionavam suas perspectivas e modo de vida. A legislação trabalhista afetava tanto os trabalhadores quanto os estudantes que entrariam no mercado de trabalho. Os movimentos de libertação, de um modo geral, como na Tchecoslováquia, tinham pretensões para além de puras reformas políticas e econômicas, questionavam o próprio modo de vida. Mas, do mesmo modo que a Primavera de Praga foi sufocada por tanques soviéticos, as perspectivas de libertação tiveram de ser adiadas. O processo contrarrevolucionário buscou reorganizar a sociedade e a ordem mundial, passando por uma recessão econômica na década de 1970, ditaduras militares em diversos países, pela contrarrevolução sexual organizada pela propaganda contra a AIDS, desembocando na nova Ordem Mundial no final dos 1980. Com o fim da União Soviética, o processo de globalização, ou mundialização, impondo cada vez mais a visão de redemocratização norte-americana, ao mesmo tempo em que afloraram os problemas multiétnicos e de confronto direto com o império norte-americano. De tal modo que os terroristas árabes substituíram o inimigo oculto da Guerra Fria. Apesar deste movimento todo ter modificado a conjuntura histórica em que viveu Marcuse, parece estarem seu horizonte, como se tivesse visto a ponta do Iceberg com que nos

defrontamos hoje. Longe de ser derrotista, Marcuse manteve sua perspectiva utópica, a partir dos movimentos de enfretamento existentes, independente de sua confiabilidade, apenas por poderem pôr em cheque a ordem.

O caráter unidimensional aplicado à sociedade industrial avançada, e que Adorno denominou “sociedade da total administração”, apontava para o processo que hoje se consoma. A reorganização social controlada pela mídia que integra o todo, mesmo considerando possíveis polissemias. Já em “A obsolescência da psicanálise” (Marcuse, 1965, p. 102), Marcuse mostrava a dependência do indivíduo da estrutura ideológica montada pela indústria cultural. Para ele, o ego era mais influenciado em sua formação pela mídia do que pela figura do pai, cada vez mais enfraquecida. A mídia preenche o todo da vida do indivíduo, o qual já não possui nem autonomia quanto identidade própria, possuindo apenas em relação ao outro, conformando, porém, uma falsa comunidade. Rádio, televisão, revistas e jornais, fornecem idéias prontas sobre as mais diversas questões.

Nem os chamados “formadores de opinião” são menos afetados. O tempo de lazer, por exemplo, é altamente organizado e administrado, mesmo que o indivíduo tenha escolhas, as quais são pura aparência. Em Eros e civilização, Marcuse criticava a ocupação do tempo pelo trabalho alienado, mas também considerando que o tempo fora do trabalho também é alienado na medida em que não é um tempo efetivamente livre. A organização da agenda dos homens, em geral, não é produzida por eles mesmos, mas por suas ocupações e preocupações externas, que podem ser sentidas como cobranças ou prazer, mesmo sendo componentes de opressão. O prazer controlado e a felicidade são sentidos como reais pelos indivíduos, mesmo sendo repressivos. A liberalidade sexual caminha mais para a perversão do que para a transgressão. Os conceitos de mais-repressão e princípio de desempenho têm sua funcionalidade ampliada numa sociedade em que a liberdade requer repressão. Com a violência externa interna nos centros urbanos, os cidadãos preocupam-se com sua segurança colocando arames farpados, cercas elétricas e câmeras de vigilância em suas casas. A situação lembra a desconfiança, expressa por Hobbes em *O Leviatã*,

que os homens possuem uns dos outros. É de se perceber que em função da segurança os homens perdem sua privacidade. A tecnologia contribui muito para isso, com as câmeras de vigilância, webcams, câmeras em celulares, chips eletrônicos, GPS, entre diversos outros mecanismos.

A racionalidade tecnológica, além de reforçar a reprodução do sistema com suas inúmeras mercadorias, também isola os indivíduos ao mesmo tempo em que cria falsas coletividades. Ela abrevia o pensamento, buscando diminuir a capacidade crítica. A mídia procura abreviar as fronteiras, estreitando-as, integrando os indivíduos no processo da globalização, mesmo as diferenças étnicas são integradas. Com a racionalidade tecnológica, os indivíduos parecem ter dificuldade em reconhecer o que é natural e o que é virtual. Viver sem eletricidade e internet para alguns seria equivalente ao caos. Com o lixo eletrônico, devido ao que Marcuse denominou “obsolescência planejada”, a tecnologia tornou quase tudo descartável, incluindo os trabalhadores que são facilmente substituíveis. Hoje, diferente da época de Marcuse, não é necessário esperar o fim da vida útil de um aparelho para que este fosse descartado. O surgimento de novas tecnologias torna seus produtos descartáveis mesmo em pleno funcionamento.

O lixo eletrônico, junto com o lixo comum, tornou-se um problema social não assumido conscientemente pela sociedade. Tanto por conta do ecossistema em perigo quanto pelo grande desperdício de recursos. Marcuse foi um dos primeiros a se preocupar com a questão ecológica, só tomada a sério pelos governos a partir da Rio 1992. Seu objetivo de uma sociedade organizada racionalmente entendia o caráter racional como sendo a redução e a eliminação do desperdício de recursos naturais e humanos. Esse desperdício deve-se ao caráter aleatório de exploração capitalista por conta da mediação do mercado, cuja única regulação aparentemente é a chamada lei da oferta e da procura. A aparente abundância de mercadorias contribui para o desperdício.

No início da exploração de petróleo, o desperdício de óleo bruto, bem como a poluição de rios e do solo, era algo corrente, talvez acreditando que fosse fonte

inesgotável. Hoje, a própria água potável está ameaçada de desaparecimento, mostrando a fragilidade do recurso. A consciência ecológica requer a consciência do indivíduo na coletividade, mais precisamente de uma nova sensibilidade. Não se pode acreditar que haveria convivência pacífica da natureza com sua exploração desenfreada. A natureza tem cobrado seu preço com catástrofes naturais. A idéia do desenvolvimento sustentável ainda é polêmica, principalmente no que se refere aos seus limites.

A perspectiva utópica marcuseana é a de uma sociedade qualitativamente diferente desta, e não uma versão melhorada. Para ele, para mudar o mundo para outro melhor devemos romper com o continuum histórico. A mudança é necessária porque a vida merece ser vivida do melhor modo que podemos enquanto seres humanos, e não em competição com os outros. Sua perspectiva “utópica” fundamenta-se em bases ontológicas. Porque os homens podem ser mais do que são, porque os homens possuem potencialidades não realizadas, nós temos uma má realidade. Esta é má facticidade na medida em que impede a realização das potencialidades humanas. A filosofia, apesar de participar no sistema ideológico de dominação, pode nos dar armas críticas para protestar contra esta mesma realidade. Para ele, a crítica da economia política significa crítica das relações sociais ou das formas de sociabilidade.

Assim, deve-se buscar novas formas de sociabilidade, por meio de uma nova sensibilidade, livre da cultura repressiva. É certo que estas novas formas não podem conviver com a estrutura econômica de exploração existente. A idéia da Grande Recusa significa romper com esta estrutura e sua reprodução que por si só poderia levar à destruição da humanidade. O discurso “salvar o planeta” esquece que o planeta pode continuar existindo sem os seres humanos, aliás, isto já ocorreu. A consciência ecológica e contra a violência urbana e as guerras pode ser um passo para a Grande Recusa. Isto implica que os indivíduos, que tiverem tal consciência, organizam-se e agem de acordo. Tomar decisão frente ao lixo, ao desperdício, à renovação tecnológica, entre outros, significaria poder questionar sobre seu destino.

Segundo Paul Mattick (1969)¹⁴, em sua crítica a *O homem unidimensional*, afirma que integração ao capitalismo é a morte. Mas ele crê que a situação dada desaparecerá com “o primeiro colapso capitalista”. O problema está na capacidade de reorganização do capitalismo. Mesmo assim, Marcuse concordaria com ele em que não se pode desistir por mais fracas que sejam as chances de combate.

Longe de ser um “derrotista”, Marcuse permaneceu firme em sua convicção crítica, mantendo vivo o programa de “Teoria tradicional e teoria crítica” (1937), Max Horkheimer. Mais ainda: Marcuse, ao contrário de muitos de seus críticos, não abandonou a teoria marxista, com a qual contribuiu. Mais do que repetir fórmulas prontas, buscou compreender a dinâmica das forças em luta e ver as possibilidades de libertação, por mais fracas que fossem. Nesse sentido, para ele não basta a crítica da economia e da política, além dessas é necessário criticar o modo de vida, que é afetado por essa economia. Porque os homens precisam ver que se trata de sua existência que está em risco. Para ele, o combate não se dá dentro da ordem estabelecida, mas para além dela.

Não quis discutir muito sobre a recepção de Marcuse que foi cheia de ruídos. Mas podemos ver que o eclipse sobre sua teoria crítica tem a ver com as mudanças políticas e econômicas na sociedade. Apesar de vermos modificações na análise do mundo contemporâneo, tentando mostrar sua multiplicidade, não há porque obscurecer Marcuse a não ser que sejamos condescendentes com a ordem vigente. Para aqueles que querem entender criticamente este mundo, tentando pensar em modos de transformar a realidade social, a teoria de Marcuse ainda é de grande

¹⁴ “Existe uma possibilidade, é tudo, como Marcuse o observa num contexto um pouco diferente. E se esta hipótese existe não é porque uma parte do proletariado se encontra excluído do processo de integração capitalista, mas simplesmente em virtude de o sistema dominante correr o risco de destruir o mundo antes que surja uma possibilidade de a evitar. A integração na morte, eis na realidade a única via deixada ao capitalismo. Em qualquer caso, o homem unidimensional não existirá por muito mais tempo. Ele desaparecerá com o primeiro colapso da economia capitalista, no banho de sangue que a ordem estabelecida está em vias de lhe preparar. Atingido o apogeu da sua força, o capitalismo chegou igualmente ao seu mais alto grau de vulnerabilidade. Independentemente do caminho que escolha, só se pode dirigir para o fim. Por mais fracas que sejam as hipóteses de revolta, este é menos que nunca o momento de renunciar ao combate!” (Mattick, 1977, p. 217).

valia, sem concessões a esta ordem. O pensamento da primeira geração da Escola de Frankfurt parece ser mais poderoso do que as gerações seguintes. Muitos dos problemas enfrentados hoje são mais compreensíveis à luz da teoria crítica. E os “teóricos críticos” não podem ser tomados separadamente, mas como um grupo de pensadores radicais. Neste sentido, Herbert Marcuse continua sendo de grande importância, que viu a ponta do Iceberg que cresce diante de nós.

Referencias:

- Adorno, T. and Horkheimer, M. (1947). *Dialectic of Enlightenment*. Continuum International Publishing Group.
- Aronowitz, S. (1999). The Unknown Herbert Marcuse. *Social Text*, 58, 133-154. <http://www.jstor.org/stable/466719>
- Cobb, M. (2004). Diatribes and Distortions: Marcuse’s Academic Reception En: J. Abromeit and M. Cobb (Eds.), *Herbert Marcuse – A critical Reader* (pp. 163-187). Routledge.
- Kellner, D. (1994). A Marcuse Renaissance? In J. Bokina & T. J. Lukes (Eds.), *Marcuse: From the New Left to the Next Left* (pp. 245-268). University Press of Kansas. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1p2gksc.18>
- Loureiro, I. M. (1998). Herbert Marcuse: a relação entre teoria e prática. *Capítulos do marxismo ocidental* (pp. 99-120). EdUNESP.
- Loureiro, I. (2005) Herbert Marcuse - anticapitalismo E emancipação, *Trans/Form/Ação*, 28(2), pp. 7-20.
- Marcuse, H. (1999). *Tecnologia, guerra e fascismo*. Unesp.
- Marcuse, H. (2001). *Towards a Critical Theory of Society. Collected papers of Herbert Marcuse, vol. 2*. Routledge.
- Marcuse, H. (1955). *Eros and civilization - a philosophical inquiry into Freud*. Vintage Books.
- Marcuse, H. (1965). .Repressive Tolerance. En R. P. Wolff, B. Moore, and H. Marcuse (Eds.), *A Critique of Pure Tolerance* (pp. 95-137). Beacon Press.
- Marcuse, H. (2015). *O homem unidimensional*. Trad. Rafael C. Silva, Deborah C. Antunes e Robespierre de Oliveira. Edipro.
- Matick, P. (1977). Os limites da integração. O homem unidimensional na sociedade de classes (1969). En P. Matick (Ed.), *Integração capitalista e ruptura operária* (pp. 149-217). A regra do jogo edições.
- Nicholsen, S. W. (1994). The Persistence of Passionate Subjectivity: Eros and Other in Marcuse, by Way of Adorno. En J. Bokina & T. J. Lukes (Eds.), *Marcuse: From the New Left to the Next Left* (pp. 149-169). University Press of Kansas. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1p2gksc.13>